

VALÉRIA DAL CIM FERNANDES

**SOCIEDADE EM REDE E OS MOVIMENTOS SOCIAIS: O CASO DO
MOVIMENTO PASSE LIVRE. (2005-2012)**

MARIANA/MG

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO- UFOP
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – ICHS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA – DEHIS

VALÉRIA DAL CIM FERNANDES

**SOCIEDADE EM REDE E OS MOVIMENTOS SOCIAIS: O CASO DO
MOVIMENTO PASSE LIVRE. (2005-2012)**

Monografia apresentada ao Curso de História do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em História.
Orientador: Prof. Dr. Mateus Henrique de Faria Pereira

MARIANA/MG

2014

AGRADECIMENTOS

Não pretendo iniciar essa monografia sem me lembrar das pessoas que indireta ou diretamente me ajudaram a construí-la. Pessoas que com palavras, gestos e sorrisos me ajudaram a tecer os pensamentos aqui edificadas. Ao leitor já entediado com tanto amor, prometo evitar os clichês que costumam se suceder nessa sessão.

Em primeiro lugar, preciso agradecer à minha fonte de força sobrenatural, ao meu irmão Arthur. O pequeno e doce ser que em apenas doze anos de convivência conseguiu me ensinar muito sobre a arte de viver. À minha família mãe, pai e irmã que proveram o amor, compreensão e palavras de entusiasmo que permitiram que a minha graduação acontecesse.

À minha madrinha, Ângela, que nos deixou enquanto eu escrevia as últimas páginas desse trabalho. Obrigado pelo carinho de toda a vida, a atenção que não diminuía com os 800 km de distância entre nós e pelo exemplo de fortaleza. Fique em paz minha madrinha!

Preciso lembrar-me também das pessoas que compartilharam comigo a dor e a delícia de viver em Mariana. Agradeço especialmente à Stephanie, Letícia, Marcelo e Anderson pela companhia nessa aventura. Principalmente, pela prontidão, seja na hora do sufoco ou da alegria.

Ao 10.1 da história por me proporcionar momentos lendários. Seja no Barroco, no churrasco na laje, no Jardim ou no redondo. Agradeço pelas conversas, cafezinhos, pães de queijo, cervejas geladas e gargalhadas.

Não posso esquecer-me do Prof. Dr. Jefferson José Queler que me guiou pelos primeiros passos da pesquisa. Mesmo com as limitações iniciais, me revelou as maravilhas e dificuldades do campo historiográfico.

Por fim, é claro, agradeço ao Prof. Dr. Mateus Henrique de Faria Pereira, por me acompanhar durante todo o percurso desse projeto. Pela erudição e atenção que me ajudaram a montar, desenvolver e finalizar a pesquisa.

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo produzir e traduzir alguns sentidos do mundo contemporâneo. Mirando a cultura que emergiu nos últimos trinta anos, fortemente marcada pelo desenvolvimento da *internet*, investigamos as práticas políticas que despontaram na cena pública deste momento histórico. Nessa perspectiva, atentamos para os personagens que diagnosticaram e elaboraram propostas para a realidade social de seu tempo. Em especial, nos interessou a vivência dos militantes de um movimento brasileiro nascido neste meio, o Movimento Passe Livre (MPL). O texto reconstruiu a forma e conteúdo deste movimento social em sua relação com determinantes históricos, evidenciando a quebra de paradigmas no que tange as usuais formas de “fazer política”. De modo geral, o nosso esforço foi apresentar subsídios para o debate sobre o papel das novas tecnologias de informação e comunicação em relação à dinâmica interna dos movimentos sociais.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS

RESUMO

INTRODUÇÃO.....7

CAPÍTULO I O TECER DA SOCIEDADE EM “REDE”13

**CAPÍTULO II A PRÁTICA POLÍTICA DO MOVIMENTO PASSE LIVRE: NOTAS
SOBRE UM MOVIMENTO “EM REDE”**22

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....36

FONTES.....37

REFERÊNCIAS.....39

João, o tempo, andou mexendo com a gente sim.

“-Saia do meu caminho.-”

Belchior

INTRODUÇÃO

A internet é o tecido de nossas vidas. Se a tecnologia de informação é hoje o que a eletricidade foi na Era Industrial, em nossa época a Internet poderia ser equiparada tanto a uma rede elétrica quanto motor elétrico, em razão de sua capacidade de distribuir a força de informação por todo o domínio da atividade humana. (Castells, 2003, p.7)

Tal estudo localiza-se sob o domínio da História do Tempo Presente¹. O nosso desafio principal é o de historicizar o político² contemporâneo, inscrevendo a realidade examinada na perspectiva da duração. Nesse sentido, a construção do nosso trabalho histórico hierarquizará a prática política de um determinado movimento social emergido no limiar do século XXI, o Movimento Passe Livre (MPL)- movimento nacional que luta pela pauta do transporte público gratuito e de qualidade. Nesta monografia buscaremos datar a teia de significados deste movimento, entrelaçando-a com as relações multidimensionais e complexas de um tempo marcado pela expansão e aceleração das redes de informação e comunicação. O pressuposto é de que a forma, processo organizativo, estratégias e táticas adotadas pelo MPL

1 A definição do objeto de estudo evidencia a proximidade entre nós e a realidade examinada, tornando-nos, ao mesmo tempo, historiadores do contemporâneo e testemunhas da prática política do MPL. Escreveremos sob uma perspectiva em particular, mas estamos certos da possibilidade de refletir sobre as rupturas históricas trazidas pelas novas tecnologias de informação e comunicação.

2 Este trabalho parte da definição de político apresentada por Rosanvallon. De acordo com o autor, o político “designa o lugar em que se entrelaçam os múltiplos fios da vida dos homens e mulheres; aquilo que confere um quadro geral a seus discursos e ações; ele remete à existência de uma sociedade que, aos olhos de seus partícipes, aparece como um todo dotado de sentido. Ao passo que, como trabalho, *o político* qualifica o processo pelo qual um agrupamento humano, que em si mesmo não passa de mera população, adquire progressivamente as características de uma verdadeira comunidade” (ROSANVALLON, 2010, p.71-2). Para ele, a política (eleições, instituições e eventos políticos) seria apenas uma ramificação do político (atmosfera social que atravessa as comunidades). Em outro trecho da obra “Por uma história do político”, Rosanvallon acentua as diferenças entre tais dimensões da vida social: “A história do político distingue-se então, pelo próprio objeto, da história da política propriamente dita. Além da reconstrução da sucessão cronológica e dos acontecimentos, esta última analisa o funcionamento das instituições, dissecar os mecanismos de tomada de decisões públicas, interpreta os resultados das eleições, lança luz sobre a razão dos atores e o sistema de suas interações, descreve os ritos e símbolos que organizam a vida. A história do político incorpora evidentemente essas diferentes contribuições. Com tudo o que ela acarreta de batalhas subalternas, de rivalidades de pessoas, de confusões intelectuais, de cálculos de curto prazo, a atividade política *stricto sensu* é, de fato, o que ao mesmo tempo limita e permite, na prática, a realização do político. Ela é ao mesmo tempo uma tela e um meio.” (p.78)

estão relacionadas com a dinamicidade das relações sociais da era da *internet*. No nosso entender, os métodos de articulação do movimento, especialmente a ausência de direção centralizada, simulam o formato horizontal e participativo das redes digitais.

Este trabalho tem como objetivo lançar um olhar histórico sobre as demandas múltiplas do nosso próprio tempo. De modo geral, nosso enfoque é interrogar sobre as tendências que estruturam ou ordenam a articulação interna do Movimento Passe Livre. Na esteira de Marc Bloch, acreditamos que o conhecimento histórico serve para lapidar e traduzir os fenômenos humanos dispersos no tempo. Nas palavras de Bloch:

O objeto da história é por natureza o homem. Digamos melhor: os homens. Mais que o singular [...] o plural, que é modo gramatical da relatividade, convém a uma ciência da diversidade. Por trás dos grandes vestígios sensíveis da paisagem, [...] por trás dos escritos aparentemente mais insípidos e as instituições aparentemente mais desligadas daqueles que a criaram, são os homens que a história quer capturar [...] o bom historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está a sua caça. (BLOCH, 2001: 54)

De antemão, é preciso ressaltar que esse trabalho parte da concepção da sociedade contemporânea proposta por Manuel Castells. Para o autor, as últimas décadas vivenciaram a formação da “sociedade em rede”, caracterizada pela formação de um novo sistema eletrônico de comunicação mediada por computadores. Para ele, o desenvolvimento da *internet* e a sua organização em torno de redes seriam o marco de uma grande ruptura histórica. Para Castells,

rede é um conjunto de nós interconectados. Nó é o ponto no qual uma curva se entrecorta. Concretamente, o que um nó é depende do tipo de redes concretas de que falamos. São mercados de bolsas de valores e suas centrais [...] São conselhos nacionais de ministros e comissionários [...] São sistemas de televisão [...] A topologia definida por redes determina que a distância [...] entre dois pontos [...] é menor [...] se ambos os pontos forem nós de uma rede do que não pertencerem à mesma rede. (CASTELLS, 1999 a: 498)

De acordo com o intelectual, os computadores e dispositivos móveis de todo o globo estão imersos em uma malha flexível, formada por um emaranhado de fios simétricos que interligam os nós (como se fosse uma rede de pesca). Nesse caso, os computadores os nós que são envoltos por uma estrutura de fiações, a maioria delas invisível, que torna possível a troca de dados entre eles.³

³ A nova cultura que se formou através das novas tecnologias foi chamada por Castells de “cultura da virtualidade real”, “na qual redes digitalizadas de comunicação multimodal passaram a incluir de tal maneira todas as expressões culturais e pessoais a ponto de terem transformado virtualidade em uma

A lógica das redes tende a fluidez e a dinâmica não linear. No nosso entender, esta estrutura de redes invisível que media a relação entre indivíduos, máquinas e dados no mundo virtual foi responsável por algum tipo de mudança na vida dos envolvidos. A ideia é que a dinâmica do fluxo de informação entre os nós (humanos ou não humanos) tenha reconfigurado a organização e articulação dos elementos em rede. Na esteira de Sonia Aguiar, acreditamos que “os elementos que compõem a sua estrutura (nós, elos, vínculos, papéis) são indissociáveis da sua dinâmica (frequência, intensidade e qualidade dos fluxos entre os nós)” (AGUIAR, 2006, p.12).

Nesse sentido, a ideia do nosso trabalho é de que a topologia das novas tecnologias de informação e comunicação tenha influenciado o surgimento de uma nova cultura organizacional na “sociedade em rede”, modificando, inclusive, as formas de “fazer política”.

⁴ Nesse contexto, fica evidente a nossa problematização sobre a nova maneira de atuação dos movimentos sociais na contemporaneidade. De modo geral, o nosso argumento é que o Movimento Passe Livre reflete as transformações estruturais ocorridas no seu tempo ao assumir uma forma de rede, morfologia mais fluida, espontânea e horizontal.

É importante ressaltar que não cremos em um determinismo tecnológico, em que as tecnologias seriam as totais responsáveis pela “forma de fazer política” do Movimento Passe Livre. A nossa ideia é de que as redes digitais e o formato em rede do MPL seriam produtos e produtores de uma mesma atmosfera histórica. Nesse sentido, a ideia de cronótopo para Bakhtin parece importante. Para ele, o cronótopo seria a interligação de relações temporais e espaciais que tornam o todo compreensivo, como se fosse o palco em que se desenvolvem as principais cenas de um momento histórico. De acordo com ele:

dimensão fundamental da nossa realidade.” (CASTELLS, 1999a, p. XVI).

4 A expressão “Novos Movimentos Sociais” foi uma tentativa das Ciências Sociais de classificar os movimentos sociais contemporâneos, delineando contrastes em estrutura e ação em relação aos antecedentes. Nessa perspectiva, os movimentos tradicionais são definidos pelos conflitos de classe social, enquanto os novos são representados pela politização de novas demandas (gênero, ambientalista, moradia, terra e transportes). O aparecimento desses novos tipos de movimento remeteria a década de 70. De modo geral, não acreditamos tanto nessas divisões. Embora possamos identificar algumas diferenças de estrutura e ação entre os movimentos, também encontramos semelhanças. Assim, o nosso estudo não usa dessas terminologias para classificar o Movimento Passe Livre. Mesmo notando algumas mudanças morfológicas na organização do movimento, nos limitaremos em diferenciá-los de outros, sem enquadrá-los em uma categoria específica.

Aqui o tempo condensa-se, comprime-se, torna-se artisticamente visível; o próprio espaço intensifica-se, penetra no movimento do tempo, do enredo e da história. Os índices do tempo transparecerem no espaço, e o espaço reveste-se de sentido e é medido com o tempo. Esse cruzamento de series e a fusão de sinais caracterizam o cronótopo artístico. (BAKHTIN, 1993, p.211)

Na lógica de Bakhtin, a “sociedade em rede” seria o nosso cronótopo. A fim de produzir mais inteligibilidade à realidade examinada, partimos da ideia de que os movimentos sociais tem o papel histórico de traduzir o modo como funcionam as sociedades. Em cada tempo, os movimentos são indicadores do modelo de coletividade na qual estão inseridos, dos mecanismos que arrolam suas relações sociais, das tensões e utopias dos indivíduos que a formam. De modo geral, podemos propor que as ações coletivas são condicionadas por demandas macroestruturais de cada momento histórico.

É sob este ponto de vista que o estudo em questão objetiva analisar o Movimento Passe Livre enquanto produto e produtor de padrões horizontais de comportamento, percebendo a influência subjetiva do formato como as informações estão dispostas na sociedade contemporânea sobre e no ativismo político local. Nesta perspectiva desenvolveremos uma discussão sobre os impactos da constituição de um sistema comunicacional em rede e o estabelecimento de novos paradigmas de participação. Organizado em torno de questões em voga em sua atmosfera histórica, consideramos o MPL como um emblema do modo como se estruturam os movimentos sociais do século XXI.

De modo conciso, acreditamos que as opções estratégicas do Movimento Passe Livre sugerem o contorno de nova ideia de luta, marcadamente distinta de outros movimentos sociais. Protagonizando lutas pela transformação da atual concepção sobre o transporte coletivo urbano, o MPL defende que o acesso universal ao transporte seja fundamental para o exercício da cidadania. A ideia é de que o direito à cidade permita o deslocamento incondicional pelo espaço urbano e o acesso pleno a serviços públicos essenciais, como educação e saúde. Em curto prazo, o movimento atua pontualmente pela redução das tarifas do transporte nas cidades brasileiras. Porém, seu objetivo em longo prazo inclui a extinção da cobrança de tarifa no transporte, através da proposta da “Tarifa Zero”. A evidência histórica mais significativa de sua dinâmica é um processo de constituição de ação mais horizontal e democrático. Expressão de um projeto que desconfia das estruturas e instituições “verticais” e “centralizadas”, o movimento optou pela ausência de “lideranças”, “representantes” ou “porta-vozes”. De modo geral, o MPL rejeita qualquer tipo de hierarquia que surja dentro do movimento e adota novas relações de participação. Os princípios do movimento zelam

pela democracia interna, contando com medidas práticas que garantem a igualdade entre os membros do grupo.

Em decorrência da evidência de novos arranjos interativos no Movimento Passe Livre, despontaram algumas questões para análise, dentre as quais ressalvamos algumas: em que sentido a lógica das redes que atravessa as novas tecnologias de informação e comunicação estaria revolucionando a maneira como a nossa sociedade se organiza? Como a nova configuração e dinâmica da “sociedade em rede” influem na forma como se articulam internamente os militantes do MPL?

A temática permite a articulação das questões que orientam a “história do tempo presente”, escola historiográfica que reivindicou o direito de estudar o mundo contemporâneo. De acordo com Mateus Henrique de Faria Pereira:

Essa história procura caminhar em direção de instâncias mais profundas que um simples acesso mais contemporâneo, ao efêmero. O presente não é, assim, entendido como um lugar de passagem contínua entre o antes e o depois, mas como uma lacuna, uma brecha, uma possibilidade entre passado e futuro. O tempo é narrado não como um *continuum*, mas como um momento em que o ser humano se encontra. (PEREIRA,2009, p.24)

Considerando que o período de 2005 a 2012 é um passado que ainda se faz presente, será necessário um trabalho historiográfico específico que permita que a produção seja conduzida por critérios de cientificidade.

Nosso estudo se caracteriza como uma pesquisa exploratória, pois ambiciona aproximar-se do problema para torná-lo mais claro, esclarecendo e aprimorando o seu entendimento. Na pesquisa em questão, além das bibliográficas que tratam do tema e permitem a comparação e a corroboração, utilizamos como fontes de informação diretas a própria *internet*, através das publicações feitas pelos indivíduos que dão vida ao MPL nos vários sítios eletrônicos. As fontes consistem em matérias e iconografias disponibilizadas por duas páginas da *web* simpatizantes da luta do movimento. O primeiro é o *site* “Tarifa Zero.org”, que funciona como um *blog*, ou seja, um espaço virtual que adota o estilo jornalístico de escrita, disponibilizando informações a cerca de um assunto de interesse comum aos seus leitores. ⁵O *blog* “Tarifa Zero.org” é fomentado por colaboradores que

⁵ Ver mais: <http://tarifazero.org/>

aderem à causa do transporte coletivo público, incluindo fundadores e militantes do Movimento Passe Livre. O segundo é o *site* do Centro de Mídia Independente Brasil (CMI), órgão mundial independente, sem fins comerciais, que disponibiliza materiais referentes aos movimentos sociais atuais. O CMI tem armazenado vídeos, fotos, sons e entrevistas de momentos cruciais da trajetória do MPL. ⁶Além disso, usaremos também a “Carta de Princípios” do movimento e a página de “Apresentação” do *site* do MPL – São Paulo a fim de esclarecer questões oportunas.

Ademais, a discussão tem a intenção de ressaltar as múltiplas noções que norteiam a dinâmica interna do Movimento Passe Livre a partir de uma releitura das rupturas sociais que podem estar ocorrendo frente às mudanças na forma de comunicação humana. De tal modo, estratégias implementadas pelos indivíduos que atribuem contorno ao MPL serão vistas no seio de uma dada configuração social, como se as percepções locais destes militantes tivessem relação com tendências globais. A ideia do trabalho é de que grande parte dos processos sociais e experiências humanas da era da *Internet* sejam indissociáveis da configuração de redes que atravessa as relações sociais de seu tempo. Nesse sentido, as novas formas de organização e articulação do MPL serão vistas como expressões de mudanças sociais e culturais forjadas por esse tipo de comunicação.

Este trabalho foi organizado em dois grandes capítulos. No primeiro, intitulado **O tecer da sociedade “em rede”**, procuramos construir um breve histórico da gênese da *internet*, buscando identificar nesse processo algumas linhas que explicam o processo de constituição de luta do MPL. Noções como conectividade e horizontalidade nos permitiram refletir sobre o papel das novas tecnologias de informação e comunicação nas relações sociais mediadas pelas suas ferramentas. A intenção foi reler essa realidade sócio histórica a fim de melhor entender as forças que constituem o Movimento Passe Livre.

No segundo capítulo, **A prática política do Movimento Passe Livre: notas sobre um movimento “em rede”**, procuramos retomar a trajetória histórica do MPL. Ademais, fizemos pontes entre o comportamento político dos militantes deste movimento e as tendências culturais que parecem surgir com os novos recursos informáticos.

⁶ Ver mais: <http://prod.midiaindependente.org/pt/blue/static/volunteer.shtml>

O modo como foram dispostos os capítulos, obedecem a uma opção metodológica ⁷em que partimos do geral para entender o particular, isto é, da apreensão das tendências da “sociedade em rede” para depois entender essa lógica no conteúdo da prática política do MPL. A partir de agora, o nosso itinerário continuará através do estudo sobre as possibilidades democráticas que os novos recursos tecnológicos fazem surgir. O objetivo é pensar a partir de qual realidade os seus militantes significaram e elaboraram suas questões. A questão que nos guiou nesse caminho foi: afinal, quais as exigências do atual momento histórico interferem na luta política do MPL?

Antes, porém, é importante ressaltar que não acreditamos que o processo de organização interna do Movimento Passe Livre seja determinado somente pelas novas tecnologias. Muitos outros fatores como, por exemplo, a influência do anarquismo na militância atual, intervêm no processo de construção política e estética do movimento.

CAPÍTULO I

O TECER DA SOCIEDADE “EM REDE”

Se desejássemos entender o que ocorreu com as sociedades modernas desde que elas surgiram pela primeira vez na Europa do final da Idade Média e do começo da Idade Moderna, seria preciso atribuir um papel muito mais importante à ascensão da mídia e à expansão gradual das redes de fluxos de comunicação e informação, desde as primeiras máquinas tipográficas na Europa do final do século XV até os usuais conglomerados da comunicação. Pois essas instituições e redes foram essenciais para a formulação e reformulação da organização social do poder simbólico no mundo moderno. (THOMPSON, 2012, p.8)

Nossa pesquisa inicia-se por um caminho de localização do problema a ser enfrentado. O século XXI pode ser exemplarmente concebido como o tempo que a experiência humana

⁷ No artigo “Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado”, Jacques Revel tece algumas considerações sobre as escalas de observação usadas pelos historiadores. O autor fala sobre os benefícios e malefícios heurísticos encontradas na micro e na macro história e propõe uma terceira via, que seria a variação de escalas. De acordo com ele, ao esquecer a tradicional oposição entre a abordagem micro e macro e aderir à variação de escalas, o historiador consegue articular melhor o objeto de estudo com o seu tempo. Ver mais: REVEL, Jacques. **Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado**. Revista Brasileira de Educação, v. 15, n.45, set/dez 2010.

passou a ser amplamente mediada pelas atividades providas por recursos computacionais. Nesse sentido, nossa intenção neste capítulo é tecer considerações sobre as tendências que acompanham o uso cada vez mais intenso das novas tecnologias de informação e comunicação. Veremos que uma revolução tecnológica foi gestada por dois paralelos: o advento dos computadores remotos e a invenção da *internet*. A partir deles, ampliou-se enormemente a capacidade de produção, organização, acesso, armazenamento e transmissão de informações. É sob o viés deste caráter virtual, interativo e fluido que devemos pensar sobre os efeitos das novas tecnologias nas relações participativas contidas no Movimento Passe Livre. Todavia, para alinhar nossas reflexões, precisaremos retomar brevemente a história dos novos meios de comunicação e informação.

O primórdio do novo paradigma tecnológico data da década de 60 do século passado. Em meio a Guerra Fria, os Estados Unidos projetaram a base da tecnologia de informação. O esquema desenvolvido pela Agência de Projetos de Pesquisa Avançados do Departamento de Defesa dos EUA (DARPA) consistia em uma rede capaz de impedir a invasão ou destruição do sistema de computadores norte-americano pelos soviéticos, através da instituição de barreiras eletrônicas. Os computadores tornaram-se autônomos, mas, com a capacidade de conexão entre si, permitindo o compartilhamento de informações e conteúdos específicos.

Após o término da Guerra Fria, esta tecnologia de processamento de informação foi apropriada pelos próprios membros da Agência de Projetos de Pesquisa Avançados para a comunicação pessoal, compartilhando mensagens com conteúdo diferente do teor militar. Com o passar das décadas, principalmente ao longo dos anos 90, a rede de interação foi comercializada e popularizada entre os indivíduos e grupos do mundo inteiro, e com todos os tipos de finalidades.

Com a formação de uma rede mundial de computadores, a *internet* permitiu que os dados existissem na forma de movimento contínuo, podendo ser transmitidos por todos os indivíduos que estiverem dentro do alcance dos seus sinais e tiverem um equipamento para recebê-los. Assim sendo, as conexões proporcionadas por estes novos aparatos tecnológicos constituíram um espaço informacional acessível e dinâmico, chamado por Pierre Lévy de “ciberespaço”. Para o intelectual, define-se como ciberespaço “o espaço de comunicação aberta pela interconexão mundial de computadores e das memórias dos computadores” (LÉVY, 1999, p.94) caracterizado pelo “conjunto de técnicas materiais e intelectuais, práticas, atitudes, modos de pensamento e de valores” (LÉVY, 1999, p.17) que acontecem dentro dele.

Para compreender o mundo formando a partir desta Revolução Tecnológica, proponhamos dar início a nossa explanação através dos apontamentos de Marshall Mc Luhan. Essa opção metodológica ⁸deve-se ao fato do autor ter construído um estudo muito significativo sobre os efeitos que a adoção de novos “instrumentos” e tecnologias podem provocar nas formas de experiência e expressão mental

O objeto de estudo principal de M. Mc. Luhan é a revolução provocada pelos alfabetos fonéticos e da impressão tipográfica no desenvolvimento social, considerada sem precedentes na evolução do homem. Dentro dessa lógica, essa “era tipográfica” foi sucedida pela “mecânica”, e mais a frente pela “era eletrônica”. Com a hipótese de que “qualquer nova tecnologia de transporte ou comunicação tende a criar seu respectivo meio ambiente humano” (Mc Luhan, 1972: 15), Mc Luhan postulou uma série de observações sobre a organização gradativa do mundo tecnológico e a forma como provocou mudanças psíquicas, tanto nos indivíduos como na sociedade em geral.

Uma das maiores contribuições de Marshall Mc Luhan, que podem ser transpostas para a compreensão dos meios de comunicação no nosso tempo, é o destaque dado por ele para a perturbação nos hábitos humanos provocada pelo surgimento de novos ambientes tecnológicos. Segundo o autor, essas mudanças requerem uma reorganização da vida imaginativa, já que os instrumentos e tecnologias são as extensões dos nossos sentidos. De acordo com Mc Luhan:

O homem hoje em dia desenvolveu para tudo que costumava fazer com o próprio corpo, extensões ou prolongamentos desse mesmo corpo. A evolução de suas armas começa pelos dentes e punhos e termina com a bomba atômica. Indumentária e casas são extensões de mecanismos biológicos de controle da temperatura do corpo. A mobília substitui o ancorar-se e sentar-se no chão. Instrumentos mecânicos, lentes, televisão, telefones e livros que levam voz através do tempo e de espaço constituem exemplos de extensões materiais. [...] De fato, podemos tratar de todas as coisas materiais pelo homem como extensões ou prolongamentos do que ele fazia com que o corpo ou com alguma parte especializada do corpo. (MC LUHAN, 1972, p.21-22)

A partir deste processo de separação dos sentidos ocasionado pela tecnologia, podemos inferir que a organização oral e escrita significou a separação do sentido da vista dos demais sentidos. Para compreender o poder de penetração das tecnologias nos nossos hábitos, Mc Luhan apropria-se de apontamentos de J. Z. Young. Segundo este intelectual:

⁸ A opção metodológica do trabalho justifica-se pela tentativa de inserir a curta duração na longa, demonstrando como a interação entre transformações e a sensibilidade humana é historicamente problemática.

O efeito dos estímulos externos e internos é romper a ação harmônica de alguma parte do cérebro ou de todo ele. A título de hipótese podemos imaginar que a perturbação, de certo modo, rompe a unidade do arranjo ou dispositivo existente e que anteriormente se formara no cérebro. Este escolhe então aqueles elementos dos impulsos recebidos que tendem a recompor o modelo e a desenvolver as cédulas à sua pulsação regular sincrônica. [...] O cérebro, de certa maneira, inicia sequências de atos que tendem a fazê-lo voltar a seu padrão rítmico, constituindo isso volta a ato de consumação ou de conclusão. [...] O cérebro examina seus dispositivos um após outro, ajustando o insumo de elementos trazidos pelos estímulos com seus variados modelos até que, de algum modo, se consiga uma concordância que reestabeleça a harmonização. (Young *apud* Mc Luhan.)

Assim sendo, a introdução de novas tecnologias exige um alto grau de esforço dos órgãos dos sentidos e faculdades para se adaptar a perturbação que elas causam. Tendo em vista os instrumentos da era eletrônica, acreditamos que eles incidem sob os nossos sentidos de uma forma particular. De acordo com Thompson os novos meios de comunicação acrescentaram novas propriedades ao cotidiano atual:

O campo de visão já não está mais restrita pelas propriedades espaciais e temporais do aqui e agora e sim moldado, em vez disso, pelas propriedades características dos meios de comunicação [...] Nosso campo de visão também é moldado pelo fato de, na maioria dos meios de comunicação, o visual não ser uma dimensão isolada e sim estar normalmente acompanhado pela palavra falada e escrita- é o audiovisual ou o textual-visual. (THOMPSON, 2012, p.12)

A ideia é que a introdução e desenvolvimento fluxos subsidiados pelo universo digital tenham produzido uma reorganização do modo como os indivíduos se relacionam uns com os outros e com eles próprios, tornando-se chaves explicativas para a contemporaneidade e seus fenômenos. A fim de ilustrar as rupturas sociais e políticas desencadeadas por esse novo cenário, podemos fazer uma pequena pausa na exposição para pensar em um anúncio publicitário emblemático encabeçado pelas empresas “Vivo” e “Samsung”.⁹ Apresentado ao público brasileiro no dia três de fevereiro de 2014, o vídeo de aproximadamente cinco minutos mostra o lendário cantor Raul Seixas viajando no tempo e explicando o poder da *internet* em transformar a experiência humana. A música que embala a trama é o *single* “Metamorfose de Ambulante”. O clip gira em torno da ideia hipotética de “homens das cavernas” descobrindo um disco voador com dispositivos móveis da marca “Samsung” e

9 O filme está disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=SH7YS24rto8&feature=kp>

conectados a *internet* “Vivo” dentro dele. No decorrer do vídeo, esses homens vão se apropriando destas tecnologias e ferramentas e acrescentando novos hábitos a suas rotinas: eles passam a utilizar os dispositivos para tirar fotos dos animais, a acessarem a previsão do tempo pela *internet*, compartilharem vídeos e até se guiarem por GPS. Abaixo, uma das cenas que mostram esses homens utilizando as novas tecnologias no dia-a-dia:



Figura 1 Imagem disponibilizada em: <http://www.ccsp.com.br/site/ultimas/67636/Toca-Raul>

No término do anúncio, um homem que se revela o cantor Raul Seixas entra em máquina do tempo e viaja até um show em 1976, em que canta o trecho mais significativo da música tema do clip: “eu prefiro ser essa metamorfose ambulante, do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo.” Por fim, o vídeo conclui-se com a seguinte mensagem: “A internet conectou e transformou as pessoas como nunca. E fez do mundo uma verdadeira metamorfose ambulante. Uma homenagem a Raul Seixas, o maluco beleza que sabia de tudo isso há muito tempo”.

O vídeo publicitário destaca a ideia que desejamos delinear aqui. De forma geral, auferimos que as mudanças na forma como compartilhamos informação e nos comunicamos mudaram o curso da história. Para compreender as tendências deste momento, o conceito de “sociedade em rede” de Castells oferece uma boa chave interpretativa. Para ele, a revolução tecnológica que a nossa geração assiste pode ser entendida através da estrutura topológica de

redes¹⁰, que confere maleabilidade aos elementos envolvidos no sistema comunicacional e acaba com a ideia de centralidade do processo de emissão e recepção nessa cultura.

A premissa inicial de M. Castells é que a disposição da *internet* difere de outros meios de comunicação de massa que preconizam uma emissão mais autoritária de informação¹¹, como a televisão por exemplo. A proliferação de plataformas de comunicação com base na *internet* e os sites *on-line* (e-mails o Twitter, o Facebook) estabelecem um fluxo de comunicação em dois sentidos, diferindo dos meios baseados em um fluxo monológico. No nosso entender, o surgimento de novas tecnologias de comunicação e as formas múltiplas de ação e interação que foram criadas ou expandidas, permitem um grau maior de participação dos receptores. De acordo com Marshall Mc Luhan a potencialidade da *internet* reside na sua capacidade de acessibilidade, armazenamento e reprodução de dados:

A visibilidade de indivíduos, ações e eventos já não necessita o compartilhamento de um lugar comum. Já não precisamos estar presentes no mesmo ambiente espaço-temporal para ver o outro indivíduo ou presenciar a ação ou evento. O campo de visão foi estendido no espaço e possivelmente também no tempo: podemos presenciar eventos que estão ocorrendo em lugares distantes ‘ao vivo’, ou seja, enquanto estão acontecendo em tempo real; podemos também presenciar eventos distantes que ocorrem no passado e que podem ser reapresentados no presente. (THOMPSON, 2012, p.12)

O estudo sobre a “horizontalidade” (ou não hierarquia) na “sociedade em rede” justifica-se porque essa noção é capaz de sintetizar o modo como se interconectam, atualmente, as pessoas, máquinas e dados no ciberespaço. A regra básica da *internet* é que todos os seus usuários são consumidores e produtores de informação e conhecimento. De modo geral, podemos afirmar que as malhas possuem diversos centros (policêntricas) que distribuem informação na rede. A ideia é de que a ausência de um único centro na tipologia

¹⁰ Rede como um conjunto de nós interligados por linhas. Esses pontos podem ser indivíduos, máquinas, memória dos computadores, nações, universidades e corporações empresariais. A rede é o padrão organizacional responsável por interconectar todos esses elementos.

¹¹ Digo emissão autoritária por se tratar de um veículo de comunicação de mão única. Esses meios de comunicação de massa apresentam-se como um centro rígido que concentra e disponibiliza as informações que julgarem “verdadeiras” ou úteis, as redes televisivas por exemplo. O poder de participação do usuário é quase nulo, ele “praticamente” só recebe o conteúdo que foi previamente escolhido pela emissora de televisão.

das redes e a igualdade dos indivíduos no que tange a participação no espaço virtual desorganiza/reorganiza a tradicional organização vertical/ hierárquica das coisas.

De modo especial, nos interessam as opções de acesso, de distribuição e criação proporcionadas pela *internet*, responsáveis por construir canais abertos de participação. Concisamente, acreditamos que as alternativas de escolha de acesso a um conteúdo ilimitado de palavras, sons, vídeos e imagens, bem como, a possibilidade (re) construir páginas e mídias, favoreceram a padronização horizontal das informações.

A partir das redes digitais, a informação não ficou mais concentrada em um único nó, mas sim dispersa no fluxo global (na malha). O conhecimento é produzido por todos e para todos. Não há nivelamento de informação, qualquer indivíduo com acesso ao ciberespaço pode produzir e disponibilizar dados (mensagens, vídeos, fotos, publicações, entre outros), permitindo serviços cada vez mais personalizados. Além disso, todos os seus usuários tem um potencial muito grande de alterar, revisar e compartilhar a mensagem ou conteúdo de uma publicação. Em outras palavras, a ideia de “horizontalidade” da rede está relacionada ao seu potencial participativo, a possibilidade de todos os indivíduos que a habitam colaborarem igualmente na construção do mundo digital.

Além disso, vale pensar na importância do surgimento do hipertexto no meio digital. No nosso entender, o hipertexto transformou a interatividade da *internet* ao mudar o formato da visualização do texto. Neste novo modelo, a informação não está disposta de uma forma linear e preestabelecida. O texto é composto por uma série de conexões e *links*¹² (ligações) textuais ou não (vídeos, imagens, sons e palavras) que são destacados no texto, dando oportunidade a quem acessa a fazer uma leitura própria. Para ilustrar a escrita hipertextual podemos vislumbrar as páginas do *site* Wikipédia¹³. Segue abaixo, um exemplo desse tipo de

12 O *link* é um dispositivo informático que funciona como recurso de referência de elementos que merecem ser destacados. De acordo com Antonio Carlos Xavier, os *links* são “elos que vincula mútua e infinitamente pessoas e instituições, enredando-as em uma teia virtual de saberes com alcance planetário a qualquer hora do dia.” (XAVIER, 2009, p.103). Segundo ele, “Todo link aponta virtualmente para uma certa direção, logo não é qualquer palavra, ícone ou fotografia na página da web que merece ser linkada. Em tese, somente os elementos que remetam ao hiperleitor a outros conhecimentos relevantes aos todo daquela página merecem ser linkados.” (XAVIER, 2009, p.193)

13 A Wikipédia é uma enciclopédia hipertextual que visa à construção de conhecimento de forma colaborativa. Todos os usuários podem publicar ou modificar conteúdos no website. Além disso, suas páginas oferecem imagens e links para artigos pertinentes ao leitor interessado. Ver mais: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Hipertexto>

texto, podendo ser observados em cor azul, os *links* que remetem os leitores a outras páginas relacionadas com o assunto:



Figura 1 Página da Verbetes "Hipertexto" no *site* da Wikipédia. Ver mais: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Hipertexto>

Pierre Lévy faz algumas observações sobre esse tipo de texto:

Hipertexto como um espaço de leituras possíveis [...] O navegador participa, portanto, da redação do texto que lê [...] O navegador pode tornar-se autor de maneira mais profundo que percorrer uma rede preestabelecida [...] Não apenas irá escolher quais links preexistentes serão usados, mas irá criar novos links, que terão um sentido para ele. (LÉVY, 1999, 59)

Assim, o hipertexto pode ser caracterizado por oferecer possibilidades aos leitores de percorrermos diversos caminhos. No hipertexto não há fechamento semântico, a leitura está sempre em processo de construção. O simples clique do *mouse* sobre um *link* da publicação abre uma nova janela e uma nova direção de leitura, permitindo-nos conjecturar que a disposição do ciberespaço estimule a liberdade de pensamento e de ação dos indivíduos.

Ademais, grande parte do conteúdo da rede está disposta em uma forma que não permite restrições de conteúdo. Como não há apenas um centro no universo digital, mas vários centros móveis, o controle da informação e comunicação pelas instituições tradicionais de poder é muito difícil.

Nesse sentido, a horizontalidade das redes digitais é resultado do acionamento de várias práticas: dinamismo, produção, colaboração e compartilhamento. Sumariamente, acreditamos que a forma não hierárquica de organizar os elementos que a compõe é um pilar

fundamental da “sociedade em rede”. Esta estruturação determina não só a disposição dos elementos em rede, mas também de toda a sociedade mediada por ela. A ideia é de que as instituições políticas e financeiras, as entidades religiosas, formas de governo e, até mesmo, os movimentos sociais tem tradicionalmente um desenho vertical, que delega ao líder a capacidade de tomar decisões e decidir o que é melhor para os subalternos. Sem cair em generalizações, acreditamos que a conectividade foi responsável por bagunçar essas estruturas, conferindo uma ordem menos hierárquica a alguns setores da sociedade, organizando-os em rede.

O estudo sobre esta tendência “horizontal” das redes virtuais é importante para o nosso trabalho porque tem uma incidência preponderante no modo como se articulam os militantes do Movimento Passe Livre. Aparentemente, a ausência de verticalidade nas relações sociais mediadas pelas redes digitais condicionou profundas mudanças no modo de agir social e politicamente dos homens do século XXI. Simulando o ambiente virtual, alguns movimentos passaram a atuar como redes. Em outras palavras, eles rejeitaram os modelos já estabelecidos de luta (burocratizadas e verticais) e formaram uma espécie de rede de solidariedade e luta, onde todos tem o mesmo poder. Nesse sentido, os ativistas políticos do MPL não consideram que “líderes”, “cúpulas”, “elites” ou “vanguardas” sejam capazes de guiar os oprimidos a luta, mas acreditam na potencialidade do protagonismo destes indivíduos organizados. De acordo com Manuel Castells esse novo formato de ação política dificulta as reflexões sobre sua natureza, em razão da estranheza do pesquisador que não está acostumado com suas dimensões. Segundo ele:

Pelo fato de nossa visão histórica de mudança social esteve sempre condicionada a batalhões bem ordenados, estandartes coloridos e proclamações calculadas, ficamos perdidos ao nos confrontarmos com a penetração bastante sutil de mudanças simbólicas de dimensões cada vez maiores, processadas por redes multiformes, distantes das cúpulas de poder. São nesses recônditos da sociedade, seja em redes eletrônicas alternativas, seja em redes populares de resistência comunitária, que tenho notado a presença dos embriões de uma nova sociedade, germinados no campo da história pelo poder da identidade. (CASTELLS, 1999, p.427)

Entender como o padrão rede das novas tecnologias de informação e comunicação funciona, ajuda a compreender outras relações que comportam esta morfologia. Nesse sentido, buscaremos identificar esse padrão organizacional na articulação interna do Movimento Passe Livre. É importante salientar que para um melhor entendimento sobre a luta

política do MPL, precisaremos reportar ocasionalmente a teoria anarquista¹⁴. Isso porque, acreditamos que a corrente ideológica prepondera entre os ativistas de tal movimento.

CAPÍTULO II

A PRÁTICA POLÍTICA DO MOVIMENTO PASSE LIVRE: NOTAS SOBRE UM MOVIMENTO “EM REDE”

Os movimentos sociais são movimentos históricos decorrentes de lutas sociais. Colocam atores específicos sob as luzes da ribalta em períodos determinados. Com as mudanças estruturais e conjecturais civil e política, eles se transformam. Como numa galáxia espacial, as estrelas que acendem enquanto outras estão apagando, depois de brilhar por muito tempo. (GOHN, 2006, 19-20)

Em tese, entendemos como movimento social o conflito que tem origem na sociedade civil e envolve um processo de quebra de consenso, criação de identidades, afirmação de laços entre atores sociais e o estabelecimento de discursos. Os movimentos emergem diante das questões de uma realidade social localizada em tempo e espaço. De maneira geral, são reivindicações por direitos que foram negados a determinado segmento social, mas que o consenso considera que estes deveriam ser garantidos pelas instâncias de poder da sociedade. Em vista disso, os reclamantes buscam soluções para essas carências, definindo ideologias, estratégias e projetos de vida comunitária. As formas, objetivos e amplitude dos movimentos variam de acordo com a conjuntura política, econômica e cultural em se formam.

No nosso entender, o grande diferencial do processo de formação do Movimento Passe Livre consiste no modo como sua articulação interna favorece um espaço propiciador de rede que permite a participação igual dos membros do grupo. Gohn, analisa os indivíduos do século XXI que buscam romper com as estruturas condicionantes da sociedade:

O novo sujeito que surge é um coletivo difuso, não-hierarquizado, em luta contra as discriminações de acesso aos bens da modernidade e, ao mesmo

¹⁴ Manuel Castells foi um dos intelectuais que identificou a referência recorrente do anarquismo nos movimentos sociais do novo milênio. Segundo ele, esta corrente “parece gozar de excelente saúde entre os movimentos sociais que brotam por aqui [...] Basta seguir os debates [...] para constatar a presença dominante dos temas anarquistas de auto-organização e de oposição a qualquer forma de Estado.” (<http://www.edicioneessimbioticas.info/spip.php?article969>, acessado em 8/11/2013)

tempo, crítico de seus efeitos nocivos, a partir de sua ação em valores tradicionais, solidários, comunitários.(GOHN, 2006, p. 122-123)

O passe livre é uma reivindicação histórica do movimento estudantil brasileiro. Em 2000 formou-se um grupo em Florianópolis pela Campanha pelo Passe Livre, realizando manifestações de pequeno e médio porte na cidade. A campanha nasceu atrelada a uma fatia jovem do partido PT, a chamada Juventude da Revolução. Com o tempo, o grupo começou a desenvolver a ideia de que a juventude deveria ser independente e ter suas próprias experiências, culminando no rompimento com tal partido, em 2002. Ao se desvincular da “política” tradicional, o grupo se ampliou, incorporando jovens não vinculados a organizações, instituições ou partidos políticos. De acordo com Yuri Kieling Gama¹⁵, o grupo elaborou uma campanha de conscientização entre os estudantes sobre a importância da adoção do passe livre na cidade. Segundo ele:

A campanha consistiu em um trabalho de debate com alunos e alunas de escolas e universidades públicas, em sua maioria, e em algumas privadas, da região da Grande Florianópolis. Organizou-se passagens de documentários sobre o assunto, seminários, atos e aos poucos os grêmios, centros acadêmicos e milhares de estudantes começaram a tomar a ideia para si. (GAMA, 2011, p.75-76)

A “Revolta do Buzú”, que aconteceu em agosto de 2003 em Salvador, foi um grande marco nessa reivindicação pelo passe livre. Em razão do aumento do preço das passagens na cidade baiana, formou-se uma mobilização popular, constituída principalmente por estudantes, sem lideranças partidárias ou estudantis, que conseguiu paralisar as principais vias da cidade. O documentário “A Revolta do Buzú- o movimento Estudantil na Bahia pela redução da tarifa de ônibus”¹⁶ é o principal registro dos acontecimentos relativos a essas mobilizações. Um dos participantes da revolta, Manolo, relata um pouco das experiências vivenciadas na ação:

Oito anos atrás, em 2003, estive nas ruas contra o aumento de R\$ 1,30 para R\$ 1,50, naquelas três semanas de manifestações (de 28 de agosto a 24 de

15 Yuri Kieling Gama fez um interessante estudo sobre as relações entre os jovens do MPL e a cidade em seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apresentado a UFSC em 2011.

16 O documentário em questão tem cerca de 70 minutos, sendo dirigido por Daniel Lisboa e Marco Ribeiro e editado por Marco Cereser e Rafael Figueiró da Focus Vídeo. Ver mais: <http://www.youtube.com/watch?v=5cWnT8MDE8M>

setembro) que vocês hoje chamam de Revolta do Buzu. Foram vinte mil estudantes nas ruas, antes e depois do aumento, fechando o Iguatemi, o Comércio, a Suburbana, Itapuã, a Rótula do Abacaxi, a Av. Sete... Chegamos a ocupar a Câmara de Vereadores, e quase entramos na Prefeitura algumas vezes. O prefeito de então, Antônio Imbassahy, a princípio queria descer a porrada em todo mundo, mas depois se fez de bonzinho e foi cozinhando a gente em banho-maria com um monte de negociações, uma atrás da outra, sobre um monte de coisas inúteis, até que a gente se cansou. O SETPS, pra variar, não estava nem aí: queria era aumento mais alto mesmo, e dane-se o mundo .¹⁷

Em 2004, foi a vez da campanha pelo passe livre protagonizar em Florianópolis seus dias de revolta. Em razão da previsão do aumento da passagem do transporte coletivo, estudantes da cidade catarinense organizaram uma série de atos pelo passe livre estudantil, a chamada popularmente de “Revolta da Catraca”. Essas mobilizações terminaram com a revogação do aumento da passagem pela prefeitura de Florianópolis e, mais tarde, com a aprovação do Projeto de Lei do Passe Livre pela Câmara de Vereadores de Florianópolis¹⁸.

¹⁷ Ver mais: <http://tarifazero.org/2011/08/17/sair-do-roteiro-obrigacao-de-quem-quer-vencer/>

¹⁸ O dia 26 de outubro foi escolhido como o dia nacional da luta pelo Passe Livre. A dimensão simbólica dele remete ao dia 26 de outubro de 2004, quando a população de Florianópolis cercou a Câmara Municipal e conseguiu a aprovação do projeto de lei de iniciativa popular que garantia o passe livre estudantil na cidade. Assim sendo, na semana do dia 26 de outubro as federações do MPL organizam programações que visam o fomento de políticas voltadas para mobilidade urbana.

Nacionalmente, o Movimento Passe Livre foi fundado em 2005¹⁹, através da iniciativa do grupo catarinense de articular os coletivos regionais que já se organizavam pela luta pelo transporte²⁰ pelo país. A construção do movimento foi realizada na “Plenária Nacional do Passe Livre”, em 29 de janeiro de 2005, em uma tenda do “V Fórum Social Mundial²¹”. O Centro de Mídia Independente Brasil (CMI) divulgou áudios, relatos, fotos e artigos produzidos pelos militantes do MPL durante a plenária. Em um desses artigos, Marcelo Pomar, um dos fundadores da campanha catarinense, comenta sobre os resultados do evento:

A Plenária foi vitoriosa, e agora cabe a todos que dela participaram dar continuidade às suas resoluções, fazendo desse embrião de luta uma nova fonte de força para o movimento estudantil e social no país, numa perspectiva de mudança das correlações de força na sociedade brasileira, sendo mais uma colaboração no caminho rumo a um Brasil melhor, mais justo e igualitário, livre e soberano.²²

19 Mesmo surgido em 2005, pode-se conjecturar que o Movimento Passe Livre (MPL) ficou mundialmente conhecido por desencadear uma das maiores mobilizações populares ocorridas na história do Brasil, as “Jornadas de Junho”. Quando, em junho de 2013, o MPL convocou um grande “ato” contra o reajuste dos preços das passagens na cidade de São Paulo, acabou por despertar a indignação de outros milhões de brasileiros, com outras pautas e localizados em outras cidades brasileiras. As massivas manifestações que se sucederam no país em junho alertaram aos desatentos sobre as mudanças na natureza e objetivos das ações coletivas do século XXI. A multidão que se formou teve como principal característica a participação de indivíduos não inseridos em partidos políticos ou sindicatos, não carregava bandeiras e não montava palanques, ao contrário dos movimentos de massas anteriores. De modo geral, esses sujeitos gritavam que não se sentiam representados pelo poder político, agindo com indiferença a instituições, partidos e governos. Não havia uma direção única, todas as vozes e pautas eram respeitadas. O fascínio da sociedade em vista da magnitude e das novas formas de ação e participação sociopolíticas que caracterizaram as “Jornadas de Junho” suscitou inúmeras questões sobre tal acontecimento histórico, que, por sua vez, se estenderam ao movimento responsável pelas primeiras faíscas libertárias.

20 Na ocasião da quinta edição do Fórum Social Mundial, participaram cerca de 250 pessoas, divididas em delegações de 29 cidades.

21 O Fórum Social Mundial é realizado anualmente, desde 2001, e tem como objetivo reunir os movimentos sociais de todo o globo a fim de compartilhar experiências e elaborar redes de auxílio mútuo.

22 Ver mais: <http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2005/02/306365.shtml>

Na plenária foram aprovados os princípios básicos da prática política do movimento, sintetizados em sua “Carta de Princípios”²³. De modo geral, este documento tem uma retórica pedagógica e serve para instruir seus militantes sobre os preceitos da organização. Nele, o MPL se define como um “movimento horizontal, autônomo, independente e apartidário, mas não antipartidário”. Ainda segundo a “Carta de Princípios do Movimento Passe Nacional”, “a via parlamentar não deve ser sustentáculo do MPL, ao contrário, a força deve vir das ruas²⁴.” A seguir, uma foto tirada pelo Centro de Mídia Independente na ocasião da construção do movimento nacional:



23 O documento referente à Carta de Princípios está disponível no site do MPL- São Paulo. Ver: [saopaulo.mpl.org.br/apresentação/carta-de-principios./](http://saopaulo.mpl.org.br/apresentação/carta-de-principios/)

24 Podemos conjecturar que esta atitude tem inspiração na corrente anarquista, que sustenta o desejo de se libertar de todas as instituições políticas e sociais coercitivas que impedem o desenvolvimento de uma sociedade inteiramente livre. Assim sendo, os anarquistas se autodefinem apolíticos ou antipolíticos (considerando “política” como disputa eleitoral e como prática partidária e parlamentar.). De acordo com Leo Vinicius Maia Liberato, a principal razão dessa aversão dos anarquistas ao meio político é a “recusa a reproduzir internamente os moldes de representação e delegação da democracia burguesa/representativa.” (Liberato, 2006: 57) A oposição à ideia de uma ordem transcendente, externa e imanente, leva a oposição a qualquer hierarquia e mandatos de representatividade, seja em relação ao Estado ou nas organizações das classes trabalhadoras.

Figura 1 Foto tirada no dia 29 de janeiro de 2005 na Plenária Nacional pelo Passe Livre e disponibilizada pelo site do Centro de Mídia Independente. Ver mais fotos: <http://www.midiaindependente.org/pt/red/2005/02/306192.shtml>

A pauta definida pelo movimento gira em torno da noção do transporte como um direito, a serviço da população e gerido por ela. Nesse sentido, o MPL nacional começou lutando pelo direito ao passe livre estudantil em 2005, mas, ao longo da trajetória (2008-2009) passou a defender o passe livre irrestrito, ou seja, a gratuidade do transporte coletivo a todos os cidadãos.²⁵ Marcelo Pomar, em entrevista, revela como aconteceu esse processo de aprofundamento da temática pelo movimento:

Porque o movimento tem um momento de virada muito importante [...] O MPL para de discutir passe livre dos estudantes, ou a reivindicação pequena, menor, e começa a entender o contexto do direito à cidade. Quer dizer, a gente tem uma transição para a Tarifa Zero. Porque o passe livre é uma reivindicação historicamente ligada ao movimento estudantil. E a Tarifa Zero passa a ser o entendimento de que a cidade, por concentrar as grandes conquistas tecnológicas, científicas, culturais da humanidade, precisa ser então democratizada. E a democratização ao acesso à cidade passa necessariamente pela garantia do acesso e da chegada aos equipamentos públicos e privados que na cidade estão espalhados. Então nesse período nós ampliamos a concepção.²⁶

A ideia do movimento consiste-se em constituir um sistema de transporte “público de verdade”²⁷, que permita o acesso pleno dos cidadãos aos equipamentos e serviços públicos disponíveis na cidade. A premissa é de que os direitos à educação, à saúde, à cultura, ao lazer ficam limitados pela existência da tarifa do transporte coletivo. Um lema muito divulgado pelo movimento é de que “uma cidade só existe para quem pode se movimentar por ela.” Uma ilustração criada pela “Grazi” e disponível na página do Movimento Passe Livre- São Paulo,

²⁵ O passe livre irrestrito passou a contar como principal reivindicação do movimento a partir da alteração “Carta de Princípios” do movimento em 2006, durante o 3º Encontro Nacional do Movimento Passe Livre.

²⁶ Ver mais: <http://tarifazero.org/2013/07/25/ele-ajudou-a-fundar-o-movimento-passe-livre-entrevista-com-marcelo-pomar/>

²⁷ O pressuposto é com base em estudos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) que afirmam que o transporte coletivo urbano seja um dos elementos de maior relevância no orçamento familiar no Brasil.

elucida bem essa ideia. Na foto, as “catracas do ônibus”²⁸ obstruem as vias que levam ao hospital, a escola e ao centro cultural:



Figura 1 Ilustração disponibilizada pela página virtual do Movimento Passe Livre- São Paulo. Ver mais:<http://saopaulo.mpl.org.br/material/ilustracoes/bilhetem3/>

O movimento usa também a frase “por uma vida sem catracas” para esboçar essa ideologia. De modo geral, podemos afirmar que a simbologia que unifica a luta do MPL gira em torno da catraca, incluindo o Zé Catraca e a catraca em chamas. A seguir, ambos os símbolos que são muito veiculados nos materiais do movimento:

28 Barreira giratória presente nos transportes públicos, que não se pode atravessar sem pagar uma tarifa ao funcionário da empresa de ônibus. Emblema que remete a todo mecanismo social capaz de excluir e discriminar os indivíduos.



Figura 1 A primeira imagem foi publicada pelo Movimento Passe Livre - Florianópolis em comemoração pelo aniversário do movimento em 2014. Ver mais: <http://mplfloripa.wordpress.com/2014/01/30/feliz-aniversario-mpl/> Por sua vez, a segunda representa o "Zé Catraca".

Na página de apresentação do site do MPL-São Paulo, o grupo elucida algumas das concepções que o orienta:

No Brasil, 35% da população que vive nas cidades grandes não tem dinheiro para pagar ônibus regularmente (IPEA, 2003). Muitas pessoas estão excluídas da educação porque não podem pagar o ônibus até a escola. Toda vez que aumenta a tarifa do ônibus, esta exclusão aumenta também. Ao mesmo tempo, é importante enfatizar que, mais que lutar contra o aumento da tarifa, lutamos contra a *existência* de uma tarifa. O sistema de Transporte precisa ser totalmente reestruturado, de modo que as tarifas não continuem aumentando, excluindo cada vez mais pessoas. O Transporte precisa ser visto como um direito essencial, não pode mais ser visto como uma mercadoria.²⁹

De acordo com o Movimento Passe Livre, é necessário uma reformulação da gestão e do custeio do sistema de transporte público das cidades brasileiras. Nesse sentido, a pauta do movimento passou a ser unificada através do projeto de "Tarifa Zero"³⁰. De acordo com a "Carta de Princípios" do MPL, o movimento

29

³⁰ Para entender como seus militantes definem esse projeto, é importante ressaltar que essa ideia já havia sido semeada em 1990. Lúcio Gregori, secretário municipal de transportes de São Paulo no governo de Luiza Erundina (1989-1992). Nesse governo eles elaboraram formalmente a proposta a fim de garantir a gratuidade total do transporte coletivo na cidade paulista. Dia 28 de dezembro de 1990, a prefeita encaminhou a Câmara de vereadores um projeto de lei que visava criar o Fundo de Transporte (FUMTRAN) responsável por reunir recursos públicos para custear a tarifa zero. Porém, a proposta encontrou resistência na Câmara, sendo posteriormente rejeitada.

é o instrumento [...] de debate sobre a transformação da atual concepção de transporte coletivo urbano, rechaçando a concepção mercadológica de transporte e abrindo a luta por um transporte público, gratuito e de qualidade, como direito para o conjunto da sociedade.³¹

De acordo com os militantes do MPL, o peso do lucro faz com que a iniciativa privada se preocupe minimamente com a população que usa tal transporte diariamente. A ilustração idealizada pelo Movimento Passe Livre- Florianópolis elucidada bem a concepção de seus militantes sobre o sistema de transportes que prepondera nas cidades brasileiras:



Figura 1 Ver mais: <http://tarifazero.org/wp-content/uploads/2013/10/floripa.jpg>

Assim sendo, o projeto da “Tarifa Zero” tem a finalidade de abolir a cobrança direta da tarifa do transporte e passar o seu custeamento para os recursos públicos das prefeituras. Nesse sentido, constitui-se como um projeto de municipalização do serviço, retirando do âmbito privado o planejamento e gestão do transporte público. A proposta inclui uma reforma

31 Ver mais: saopaulo.mpl.org.br/apresentação/carta-de-principios/

tributária e a criação de um Fundo Municipal de Transporte (FUMTRANS) a fim de custear a tarifa zero.³²



Figura 1 Logo do projeto "Tarifa Zero". Disponibilizado pelo Movimento Passe Livre- São Paulo. Ver mais: <http://saopaulo.mpl.org.br/material/ilustracoes/tarifazero/>

Talvez, a característica mais importante do movimento seja que sua forma de organização se espelhe no projeto de sociedade que o grupo almeja. Apresentando uma articulação que se fundamenta em diálogos horizontais e na ausência de lideranças, podemos conjecturar que a estrutura interna simule a sociedade democrática que o grupo propõe. Esta dimensão estratégica do Movimento Passe Livre poderá ser mais bem entendida através de alguns de seus métodos: o pacto federativo pelo qual se organizam, o método de ação direta da qual fazem uso e o modo como organizam suas manifestações de rua.

O MPL propõe um novo paradigma de luta, através da adoção do princípio de horizontalidade como pilar constitutivo. De modo geral, o movimento rejeita qualquer tipo de hierarquia que surja dentro do movimento, aderindo a estruturas descentralizadas e autogestionadas. Em geral, seus militantes acreditam que a atitude de dotar alguns dos participantes do grupo de poder, acaba por produzir desigualdades dentro da própria organização. Por isso, defendem que o movimento seja gerido pelos próprios ativistas. Além disso, todas as pessoas envolvidas no MPL apresentam o mesmo poder de decisão dentro do grupo. De acordo com a “Carta de Princípios” do MPL,

³² Dentro dessa lógica, o custo da tarifa do ônibus seria compartilhado entre a sociedade, através do aumento na arrecadação de impostos progressivos (redistribuição de renda: pagará mais quem tiver mais, menos quem tiver menos e quem não estará isento de pagar a tarifa).

pode-se dizer que um movimento horizontal é um movimento onde todos e todas são líderes, ou onde esses líderes não existe. Desta forma, todos e todas tem os mesmos direitos e deveres, não há cargos instituídos, todos e todas devem ter acesso a todas as informações. As responsabilidades por tarefas específicas devem ser rotatórias, para que os membros do grupo possam aprender diversas funções.

O Movimento Passe Livre se organizou como um movimento nacional estruturado a partir de unidades locais, articuladas através de um pacto federativo. O modo como funciona essa federação ilustra bem a lógica das redes. De acordo com este princípio, as unidades detêm certa autonomia, podendo agir de acordo com as especificidades locais, mas devem manter uma rede de contatos inter-coletivos nacionalmente. Em outras palavras, todas as unidades federativas detêm o mesmo poder, mas devem seguir as diretrizes federais do movimento bem como conservar um pacto de apoio mútuo (ou seja, são obrigados a ajudar-se nas ações). Ainda de acordo com a “Carta de Princípios” do MPL, as unidades devem respeitar o princípio da Frente Única, sendo que esta ficaria acima de questões ideológicas.³³

Para entender melhor esse princípio do MPL, o conceito de federação elaborado por Proudhon torna-se oportuno. De acordo com a teoria anarquista, as instituições da sociedade deviriam ser substituídas por federações e confederações de comunas e cooperativas operárias, deslocando a soberania da burguesia para a sociedade. A reconstrução da ordem seria realizada a partir da ideia de “contrato” de permuta e crédito mútuo. O contrato social que regeria as associações autônomas substituiria o meio político e garantiria uma ampla liberdade de atuação aos indivíduos. Em termos gerais, seria o fim das leis votadas e cada cidadão, cada comuna ou sindicato faria a sua legislação. As bases da sociedade almejada pelos anarquistas estariam assentadas na solidariedade, cooperação e apoio mútuo. De acordo com Proudhon:

Federação, do latim *foedus*, genitivo *foederis*, quer dizer, pacto, contrato, tratado, convenção, aliança etc., é uma convenção pela qual uma ou mais comunas, um ou mais grupos de comunas ou Estados, obrigam-se recíproca e igualmente uns em relação aos outros para um ou mais objetos particulares,

³³ Esse trabalho parte da concepção de Frente Única como a unificação da frente de combate contra um inimigo comum, assumindo reivindicação e objetivos comuns. A tática de Frente Única foi pela primeira vez usada pelos bolcheviques russos antes da Revolução de Outubro (Revolução Russa), sendo nomeada como deste modo no Congresso da Internacional Comunista de 1920. Porém, foi Trotsky que eternizou a necessidade da estratégia para unificar a luta operária. Ver mais: www.lerqi.org/Os-marxistas-revolucionarios-e-a-frente-unica-operaria

cuja carga incumbe especial exclusivamente aos delegados da federação.
(Proudhon, 2001: 90)

Nas próprias palavras de um integrante do movimento, podemos ter ideia de como esse princípio federalista funciona dentro da sua articulação interna. O depoimento é de Lucas de Oliveira, em entrevista concedida a revista “Fevereiro”:

Nacionalmente, somos uma entidade federada. O Movimento Passe Livre é uma federação, então tem autonomia dos comitês locais e tem um grupo de trabalho nacional, que agora está voltando a se articular e que funciona assim: os diversos movimento locais tiram deliberações para serem discutidas como pauta específica para esse grupo de trabalho nacional, e dentro desse espaço, os movimentos locais apresentam as decisões do seu coletivo e chegam a uma deliberação nacional que volta depois para ser referendada pelos coletivos locais. E esse grupo de trabalho nacional é rotativo.³⁴

Como uma iniciativa local, o MPL paulista recorreu a um projeto de iniciativa popular pela instauração da “Tarifa Zero” no transporte coletivo da capital. Como a apresentação de um projeto de iniciativa popular ³⁵à Câmara de Vereadores necessita do apoio de 5% do eleitorado da cidade, o movimento está em busca de 500 mil assinaturas. Para conseguir levar esse projeto à votação, os ativistas estimulam o recolhimento de assinaturas ³⁶em programações do movimento e nos seus espaços virtuais. O modelo de ficha de assinatura fica disponível no endereço eletrônico do grupo. Segue abaixo um trecho desse formulário:

34 Ver mais: <http://tarifazero.org/2013/10/16/esta-em-pauta-agora-que-modelo-de-cidade-queremos-entrevista-com-lucas-oliveira-do-mpl-sp/>>

35 De acordo com a Constituição Federal, a sociedade pode apresentar um projeto de lei à Câmara dos Deputados ou dos Vereadores desde que a proposta seja assinada por um número mínimo de cidadãos. Eis a exigência constitucional: “A iniciativa popular pode ser exercida pela apresentação à Câmara dos Deputados de projeto de lei subscrito por, no mínimo, um por cento do eleitorado nacional, distribuído pelo menos por cinco Estados, com não menos de três décimos por cento dos eleitores de cada um deles” (art. 61, § 2º, CF).

36 Para assinar o projeto de lei é preciso ser eleitor e votar no município de São Paulo.

CAMPAIGNA PELA TARIFA ZERO NOS ÔNIBUS DE SÃO PAULO

Veja o texto completo do projeto de lei em: www.tarifazerosp.net
As folhas de assinatura para a Caixa Postal 289, CEP 01031-970, São Paulo - SP
informações pelo e-mail tarifazerosp@gmail.com ou pelo telefone (11) 6590-2740

PROJETO DE LEI DE INICIATIVA POPULAR QUE IMPLEMENTA A TARIFA ZERO NOS ÔNIBUS MUNICIPAIS DA CIDADE DE SÃO PAULO

do direito assegurado pelos artigos 1º; 14º, III; 29º, XIII da Constituição Federal e, do com os artigos 5º, §1º, II; 37º; 44º, I, §1º da Lei Orgânica do Município de São Paulo e do § 234º, §2º; 316º; 317º do regimento interno da Câmara Municipal, subscrevo o projeto de lei que implementa a tarifa zero para os ônibus municipais da cidade de São Paulo. O Tarifa Zero é uma lei de iniciativa popular, pretende o fim da cobrança de tarifa nos ônibus coletivos municipais, visando o direito à cidade e assegurar direitos sociais como educação, saúde e lazer.

O texto do projeto encontra-se registrado no 4º Registro de Títulos e Documentos de São Paulo – SP, sob o nº 515111

DATA DE NASCIMENTO	NOME (completo e sem abreviações)		
ASSINATURA OU IMPRESSÃO DIGITAL	NOME DA MÃE (completo e sem abreviações)		
	RG:	UF	CPF:
	TÍTULO	ZONA	SEÇÃO
DATA DE NASCIMENTO	NOME (completo e sem abreviações)		
ASSINATURA OU IMPRESSÃO DIGITAL	NOME DA MÃE (completo e sem abreviações)		
	RG:	UF	CPF:
	TÍTULO	ZONA	SEÇÃO

Figura 1 Trecho das folhas de assinatura da campanha do projeto de lei de iniciativa popular encabeçada pelo Movimento Passe Livre- SP. Ver mais: <http://www.tarifazerosp.net/participe/>

O Movimento Passe Livre adota a ação direta como estratégia de luta. Concisamente, a ação direta é um método que visa soluções imediatas ao problema do grupo oprimido, o lema é “faça você mesmo a sua revolução”. A expressão foi utilizada pela primeira vez em 1890 para atribuir significado as táticas defendidas pelos anarquistas, que, em essência, se contrapunham a “ação política” (a ação parlamentar e institucional). A “ação direta” implica que os indivíduos tomem para si o poder de mudar o mundo. Assim, a partir da tática anarquista, a revolução social deve ser realizada pelos interessados na dissolução da ordem vigente, e não por intermediários. Para construir o futuro desejado, os trabalhadores deveriam usar os métodos de protestos que considerassem adequados à situação, sem a mediação de uma autoridade. A adoção desse tipo de ação confere dois aspectos fundamentais a suas atividades: a primeira é que essa ação independente dos indivíduos atribui um caráter de espontaneidade; além disso, o método da ação direta tornam indissociáveis os meios e os fins, já que o meio para chegar à autonomia é a própria autonomia de atuação. Na página de apresentação do MPL-SP, seus militantes reforçam essa postura:

Nós acreditamos que não devemos esperar por iniciativas e ações de políticos e empresários, e que somente a organização e a iniciativa popular podem conquistar mudanças realmente significativas na sociedade. É o povo, somente ele, que tem o poder e a vontade necessária para mudar as coisas e construir um transporte, uma cidade e mesmo um mundo diferente.

Uma das estratégias de “ação direta” frequentemente utilizadas pelo movimento é a desobediência civil, como o ato de pular as catracas de ônibus. Os militantes do MPL apelidaram de “catracaço”,³⁷ o ato de passar pela catraca sem pagar tarifa. Sem causar danos ao patrimônio e o usuários do transporte coletivo, essa atitude atinge somente os seus empresários.

Por fim, chegamos a um dos grandes diferenciais do Movimento Passe Livre: a construção política e estética de suas ações. De modo geral, podemos pontuar que o movimento apresenta manifestações horizontais, em que não são vistas bandeiras, palanques ou carros de som e alto-falantes. Não há distinção entre os que estão liderando e os que estão participando, o que torna a organização do ato muito mais democrática. Além disso, suas ações são acompanhadas por trabalhos de conscientização da população. Durante todo o trajeto, alguns militantes distribuem materiais (faixas e panfletos) com informações sobre o sistema de transporte atual para que a população tome conhecimento da ação.

Não é só isso que encanta nas suas manifestações de rua, mas a dimensão estética dos eventos também chama atenção. Isso porque a maneira de fazer política do Movimento Passe Livre é marcada pelo desenvolvimento de intervenções artísticas. A criação de um espaço cultural é proporcionada pelo desenvolvimento de jograis e manifestações lúdicas.

A queima da catraca ocupa um lugar de destaque nas manifestações do movimento. Em um artigo publicado no site Tarifa Zero. Org., encontramos um relato de um ativista que assina como Legume Lucas e afirma ter participado da semana de luta pelo Passe Livre em 2013, tendo ficado encarregado de carregar e proteger a catraca durante a ocasião. Legume Lucas narra com detalhes o desenrolar da manifestação e comenta sobre a importância que a simbologia tem para o movimento:

Em São Paulo temos, há alguns anos, uma catraca de ônibus comprada em um ferro velho. Como cuidador da catraca, eu, com ajuda de outros militantes, tive que: enrolá-la com jornal e gase, comprar o querosene, carregá-la durante o ato, jogar e por fogo nela. [...] pude – ao ficar cuidando da catraca que precisava esfriar depois de ser queimada– estabelecer uma conversa direta com um morador de rua que acompanhou nossa chegada ao

³⁷ Ver mais sobre o verbete “catracaço”: <http://tarifazero.org/2013/07/11/floripa-ca%C2%ADtra%C2%ADca%C2%ADco-s-m/>

terminal. Ele defendia para mim que queimássemos novamente a catraca, desta vez dentro do terminal.³⁸

Ademais, ocasionalmente, o grupo teatral “Servos da Catraca” propõe dinâmicas e interações ao longo trajeto. Por sua vez, a música costuma ficar por conta do ritmo dos sopros da “Fanfarra do M.A. L”,³⁹Movimento Autônomo Libertário. Sumariamente, a luta do MPL possui uma dimensão estética e criativa, fazendo com que suas mobilizações pareçam uma espécie de teatro de rua.



Figura 1 Foto da Fanfarra do M.A.L tirada e divulgada pelo Centro de Mídia Independente no dia 30 de maio de 2014. Ver mais: <http://prod.midiaindependente.org/pt/blue//2014/06/532696.shtml>

38 Ver mais: <http://tarifazero.org/2012/11/09/a-catraca-uma-questao-estetica/>

39 Banda que apresenta militantes do movimento, mas é independente. A fanfarra é voltada para atuação em ações diretas e lutas autônomas. Compartilha alguns princípios com o MPL, como horizontalidade, autonomia e apartidarismo. Dizeres na página virtual da fanfarra ilustram bem a sua atuação: “Usamos a música e o grito como uma forma de fazer ação política, e como forma de confrontar e criticar os sistemas de dominação e apoiar diretamente todas as pessoas e coletivos que lutam contra a exploração, discriminação e opressão.” Ver mais: <https://fanfarradomal.milharal.org/quem-somos/>

É importante ressaltar algumas características do Movimento Passe Livre que o tornam singular. A mobilidade urbana como um direito social é, sem dúvida, um dos principais pontos do movimento. A temática do transporte também é usada para questionar o privilégio dado pelo poder público aos automóveis. Nesse sentido, o MPL procura combater a cultura do automóvel que prepondera na sociedade brasileira contemporânea, alertando sobre os inúmeros efeitos negativos que isso trás à vida urbana. Nas palavras dos seus militantes:

Apesar de todos alegarem ser prioridade o investimento no transporte coletivo, vemos o dinheiro público ser utilizado, majoritariamente, na ampliação de ruas e avenidas, no recapeamento do asfalto, na construção de pontes, viadutos e túneis. Portanto, em benfeitorias que priorizam o transporte individual. Uma das consequências desta política é o espaço das cidades ser cada vez mais destinado aos automóveis. A construção da cidade como o lugar do automóvel é estimulada pelo incentivo à compra de mais automóveis, tanto por meio das propagandas televisivas quanto por subsídios governamentais – exemplo disso é a redução do imposto sobre a produção dos automóveis. Este tipo de política pública resulta em cidades cada vez mais congestionadas, poluídas e que restringem nossa possibilidade de circulação.⁴⁰

Por fim, é importante pensar nas formas singulares de interação que ocorrem dentro do Movimento Passe Livre. A lógica de rede como se estrutura internamente o movimento pressupõe a existência de um espaço aberto à participação igualitária de todos os seus membros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mediação digital remodela certas atividades cognitivas fundamentais que envolvem a linguagem, a sensibilidade, o conhecimento e a imaginação inventiva. A escrita, a leitura, a escuta, o jogo e a composição musical, a visão e a elaboração das imagens, a concepção, a perícia, o ensino e o aprendizado, reestruturados por dispositivos técnicos inéditos, estão ingressando em novas configurações sociais. (LÉVY, 1998, p.17)

O nosso estudo apontou alguns subsídios para entender a forma descentralizada como o Movimento Passe Livre está estruturado. Toda proposta de análise indicada nesta monografia teve como objetivos situar o movimento no momento histórico marcado pelo processo de composição da “sociedade em rede”. A ideia que perpassa o texto é que existem características gerais que acompanham as sociedades marcadas pela incorporação da rede. Delimitamos, assim, a consolidação de uma cultura organizacional específica neste tempo que

40 Ver mais: <http://tarifazero.org/2012/08/21/somente-com-a-participacao-popular-e-possivel-organizar-um-sistema-de-transporte-em-favor-dos-interesses-dos-usuarios/>

absorveu a lógica das redes, projetando novas experiências a sociedade deste século. A tese é de que o sistema de valores e símbolos contemporâneo foi condicionado pelos novos mecanismos de interação do novo sistema tecnológico, ao dispor ao usuário um espaço democrático, de amplo acesso e horizontal.

Em suma, consideramos que os movimentos sociais são os grandes termômetros de qualquer realidade histórica. Através deles é possível apreender como os sujeitos se recriam através das contradições que enfrentam, de que maneira diagnosticam a realidade e como definem o projeto que consideram mais adequado a sociedade em que estão inseridos. Por isso, são excelentes ferramentas para entrever a cultura que perpassa a experiência dos homens desse tempo, constroem identidades individuais/coletivas e estruturam laços de solidariedade.

Ao escolher como objeto de estudo as questões pertinentes às redes de interatividade propiciadas pela *internet*, enfrentamos o desafio de historicizar o nosso próprio tempo. A tarefa de analisar um objeto muito vivo, em seu estado natural, oferece algumas dificuldades ao pesquisador: a dificuldade em identificar as fronteiras entre o fenômeno e o seu contexto, o compartilhamento de experiências de vida com os militantes do MPL e, por isso, o problema em identificar categorias de observação e criar hipóteses. As metodologias e conceitos usados neste trabalho, foram feitos no sentido de superar essas limitações. De modo geral, acreditamos na legitimidade desse tipo de produção historiográfica e na possibilidade de produzir um discurso de verdade sobre o momento histórico estudado.

FONTES

LEGUME, Lucas. **A catraca: uma questão estética**. Publicado no dia 09 de novembro de 2012, no *site* Tarifa.Zero.Org:

< <http://tarifazero.org/2012/11/09/a-catraca-uma-questao-estetica/>>

POMAR, Marcelo. **Ele ajudou a fundar o Movimento Passe Livre, entrevista com Marcelo Pomar**. Publicado no dia 25 de julho de 2013, no *site* Tarifa.Zero.Org:

<<http://tarifazero.org/2013/07/25/ele-ajudou-a-fundar-o-movimento-passe-livre-entrevista-com-marcelo-pomar/>>

_____. **Relato sobre a Plenária Nacional pelo Passe-Livre – MPL.**

Publicado no dia 04 de fevereiro de 2005 às 02:32, no site CMI Brasil:

<http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2005/02/306365.shtml>

MANOLO. **Sair do roteiro: obrigação de quem quer vencer.** Publicado no dia 17 de agosto de 2011, no *site* Tarifa.Zero.Org:

< <http://tarifazero.org/2011/08/17/sair-do-roteiro-obrigacao-de-quem-quer-vencer/>>

_____. **Teses sobre a Revolta do Buzú. 25 de setembro de 2011** . Publicado no dia 17 de agosto de 2011, no *site* Passa Palavra:

< <http://passapalavra.info/2011/09/46384>>

OLIVEIRA, Lucas. **“Está em pauta, agora, que modelo de cidade queremos”** . Publicado no dia 16 de outubro de 2013, no site Tarifa.Zero.Org:

< <http://tarifazero.org/2013/10/16/esta-em-pauta-agora-que-modelo-de-cidade-queremos-entrevista-com-lucas-oliveira-do-mpl-sp/>>

[Floripa] Catracaço, s.m Publicado no dia 11 de julho de 2013, no site Tarifa.Zero.Org:

< <http://tarifazero.org/2013/07/11/floripa-ca%C2%ADtra%C2%ADca%C2%ADco-s-m/>>

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Sonia. **Redes Sociais e tecnologias digitais de informação e comunicação**. Relatório final de pesquisa na condição de pesquisadora associada do Núcleo de Pesquisas, Estudos e Formação da Rede de Informações para o Terceiro Setor, no período de março a agosto de 2006.

BAKHTIN, M. M.. (1975). **Questões de Literatura e de Estética**. São Paulo: UNESP, 1993.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da história, ou, O ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. (A era da informação: economia, sociedade e cultura, v. 1) São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. **A galáxia da Internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

GAMA, Yuri Kieling. **Por uma vida sem catracas**: uma análise dos vínculos e relações entre a juventude contestadora contemporânea e a cidade. Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do título de bacharel, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, 2011.

GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos Movimentos Sociais. Paradigmas clássicos e contemporâneos**. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2006.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva**. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

_____. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LIBERATO, Leo Vinicius Maia. **Expressões contemporâneas de rebeldia: poder e fazer da juventude autonomista**. Tese de Doutorado, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.

REVEL, Jacques. **Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado**. Revista Brasileira de Educação, v. 15, n.45, set/dez 2010.

ROSANVALLON, Pierre. **Por uma história do político**. São Paulo: Alameda, 2010.

MCLUHAN, Marshall. **A Galáxia de Gutenberg**. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1972.

PEREIRA, Mateus Henrique de Faria. **A máquina da Memória: o tempo presente entre a história e o jornalismo**. Bauru, SP: EDUSC, 2009.

PROUDHON, Pierre-Joseph. **Do Princípio Federativo**. São Paulo: Imaginário; Nu-Sol, 2001.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. 13. ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

XAVIER, Antonio Carlos. **A era do hipertexto: linguagem e tecnologia**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009.

Sites visitados:

Clube de Criação São Paulo:

<http://www.cbsp.com.br/site/o-clube-de-criacao>

Visitado no dia 02 de fevereiro de 2014, às 15 horas.

CMI Centro de Mídia Independente:

<http://www.midiaindependente.org/>

Ediciones Simbióticas- Neonarquismo- Manuel Castells:

<http://www.edicionessimbioticas.info/Neonarquismo>

Visitado no dia 08 de novembro de 2013, às 9 horas.

FANFARRA DO M.A. L:

<https://fanfarradomal.milharal.org/quem-somos/>

Visitado no dia 20 de abril de 2014, às 15 horas.

LER-QI Liga Estratégica Revolucionária:

www.ler-qi.org/Os-marxistas-revolucionarios-e-a-frente-unica-operaria

Visitado no dia 1 de outubro de 2013, às 16h40min.

MPL Florianópolis:

<http://mplfloripa.wordpress.com/2014/01/30/feliz-aniversario-mpl/>

Visitado no dia 02 de janeiro de 2014, às 9 horas.

MPL São Paulo:

[saopaulo.mpl.org.br/apresentação/carta-de-principios./](http://saopaulo.mpl.org.br/apresentação/carta-de-principios/)

Visitado no dia 1 de outubro de 2013, às 17 h30m.

Tarifa Zero:

<http://tarifazero.org/>

Visitado no dia 1 de outubro de 2013, às 17 horas.

Wikipédia:

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Hipertexto>

Visitado no dia 22 de maio de 2014, às 16 horas.

Youtube:

<http://www.youtube.com/watch?v=SH7YS24rto8&feature=kp>

Visitado no dia 02 de fevereiro de 2014, às 8 horas.

